

Maria de Lourdes Sirgado Ganho

EXISTIR E SER

TEMAS DE FILOSOFIA,
POESIA E ESPIRITUALIDADE

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Título: Existir e Ser
Temas de Filosofia, Poesia e Espiritualidade

Autor: Maria de Lourdes Sirgado Ganho

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: DED/INCM

Revisão do texto: Levi Condinho

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Julho de 2009

ISBN: 978-972-27-1805-9

Depósito legal: 292 715/09

À amizade de

*Maria do Carmo Lapido de
Abreu Lemos*

*Maria Celina Nogueira de
Lemos Godinho*

António Braz Teixeira

*À memória de meu Pai,
Jorge Machado de Sousa Ganho*

*Um amigo fiel é uma poderosa protecção,
quem o encontrou, descobriu um tesouro.*

ECLI 6, 14

PREFÁCIO

Quis a generosa amizade de Maria de Lourdes Sirgado Ganho não só que o meu nome figurasse na dedicatória desta sua colectânea de estudos sobre temas de Filosofia, Poesia e Espiritualidade como ainda que me coubesse o honroso encargo de redigir algumas, aliás desnecessárias, palavras prefaciais a este volume, que dá significativa conta tanto do seu labor universitário como da sua mundividência filosófica e das suas «afinidades electivas» intelectuais.

Discípula de Francisco da Gama Caiiro, a cuja memória e magistério, humana e universitariamente exemplar (pela sua discreta e franciscana simplicidade e pela sua sempre competente disponibilidade) continua comovida e saudosamente fiel, como é bem patente no sentido «testemunho» que aqui lhe dedica, a autora deste livro, ao longo da sua vida de reflexão e investigação, tem explorado alguns domínios que foram também os do mestre, como o pensamento antoniano, a obra e a acção de Frei Manuel do Cenáculo, a filosofia criacionista de Leonardo Coimbra ou a espiritualidade franciscana, percorrendo e aprofundando sendas por ele abertas.

Ao mesmo tempo tem dedicado também muito da sua inteligente, sensível e compreensiva atenção hermenêutica e reflexiva a um conjunto de outros autores, com quem, de há muito, o seu pensamento e a sua vivência espiritual dialogam, dadas as profundas afinidades que neles encontrou. É o caso de Delfim Santos e Gabriel Marcel, filósofos sobre quem escreveu penetrantes monografias, de Jean Nabert, objecto da sua dissertação de doutoramento, publicada nesta mesma colecção, de E. Mounier e Albert Camus ou do poeta italiano Eugenio Montale, todos aqui temas de lúcidas e inovadoras abordagens interpretativas.

Referência merecem ainda os estudos que têm por objecto aspectos significativos, quando não mesmo nucleares ou matriciais, do pensamento de figuras de primeiro plano da reflexão e da cultura contemporânea de língua portuguesa, como Antero, Raul Brandão, José Maranhão, Agostinho da Silva ou Adolpho Crippa.

Destaque especial cabe, porém, dar ao ensaio intitulado «Discurso poético e discurso filosófico», que abre o volume, não só pelo seu valor reflexivo intrínseco, como, igualmente, pelo que desvela ou revela dos fundamentos da perspectiva hermenêutica de Maria de Lourdes Sirgado Ganho e das suas ideias sobre o radical sentido ontológico de ambos aqueles discursos, sem prejuízo do que, substantivamente, os diferencia ou singulariza.

Esta concepção acerca da natureza do discurso filosófico e sua convergência com o discurso poético, do mesmo passo que vem a constituir um dos suportes teóricos da prática interpretativa da autora, sendo reconhecível pressuposto dos estudos que aqui se contêm, não deixa, igualmente, de ser elemento da máxima relevância e significado da mundividência filosófica que neles se exprime.

É essa mundividência, que, aliada àqueles pressupostos hermenêuticos, confere unidade e íntima coerência a este conjunto de trabalhos da professora da Universidade Católica Portuguesa, fazendo dele uma obra e não um mero repositório heterogêneo de escritos sobre duas dezenas de autores de épocas, nacionalidades, línguas e orientações especulativamente muito diversas.

Com efeito, subjacente a todos estes escritos encontra-se uma comum ontologia metafísica do homem, de claro recorte existencial — que o título da colectânea, desde logo, evidencia — em que a estrutura dialógica da vida humana se apresenta como decisiva, e daí o relevo atribuído a problemas como os da liberdade e da intersubjectividade, ontologia de claro sinal espiritualista e matriz cristã, que inspira as posições aqui assumidas ou expressas, desde as relativas ao problema ou mistério do mal, até ao impulso ético-espiritual que leva a ensaísta a dedicar numerosas páginas ao tema da virtude e da perfeição moral do homem, ou à afirmação da dimensão sagrada da vida humana.

Por outro lado, a forma como a autora entende a relação entre a palavra e o discurso poético e o discurso filosófico, os modos complementares e convergentes de dizer o ser que ambos, em sua radicalidade, constituem, encontra a sua natural e consequente expressão na subtil

articulação que, no seu pensar, se realiza entre filosofia, poesia e mística, que nele dialogam e convergem no plano de uma transcendência que é o horizonte último da sua demanda espiritual, bem como o valor cognitivo atribuído à metáfora e à imagem ou a compreensão do sentido e valor ontológico do saber mítico que aqui, decididamente, se afirma.

Tudo isto expresso numa prosa que, para além de revelar inegável capacidade reflexiva e problematizadora e uma ampla e amadurecida cultura filosófica, teológica e literária, se caracteriza por uma invulgar clareza e assinalável rigor conceitual e terminológico e por uma cuidada elegância literária, hoje, infelizmente, cada vez mais rara na nossa produção científica universitária.

Eis por que me é profundamente grato antepor estas breves palavras de saudação neste valioso conjunto de estudos e reflexões que, muito oportunamente, a autora decidiu reunir num volume que, doravante, constituirá obra de necessária referência para todos os que quiserem estudar os temas ou os autores aqui inteligente e compreensivamente abordados.

ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

INTRODUÇÃO

DISCURSO POÉTICO E DISCURSO FILOSÓFICO

Poesia
è il mondo l'umanità
la propria vita
fioriti dalla parola
la limpida meraviglia
di un delirante fermento.

G. UNGARETTI

A intenção que preside a este ensaio é a de mostrar, a partir de uma caracterização da poesia em Roman Jakobson, que uma análise exclusivamente linguística desta é insuficiente para a explicar. Do facto, a poesia, enquanto constrói um mundo, não pode ser explicada apenas a partir das características formais ou estruturais. Uma teoria da produção do sentido poético não se pode compreender unicamente adentro do linguístico.

Portanto, se se admite que uma análise linguística da poesia é insuficiente para a explicar cabalmente, então tem de se admitir que ela releva também de outros factores que não apenas linguísticos, havendo que os mostrar, porque complementares e requeridos por uma análise linguística da poesia.

Em *Questions de Poétique*, Jakobson define a poesia como sendo um «enunciado visando a expressão»¹; sendo assim, ela

¹ Jakobson, *Questions de Poétique*, Paris, Éditions du Seuil, 1973, p. 11 (sigla QP).

é regida por «leis imanentes»², que tornam a linguagem poética autónoma porque centrada em si mesma. Ela é, então, «um pôr a palavra com valor autónomo»³. Mas, se a poesia visa a expressão, isto é, o som articulado, então essa massa verbal, que constitui a expressão, diz respeito quer às combinações das palavras, quer à própria forma da palavra. Assim, a forma ou expressão é o traço distintivo da poesia, pois como o próprio Jakobson afirma, o centrar a linguagem poética em si mesma, tornando-a autónoma, permite reduzir ao mínimo a função comunicativa e emocional da própria linguagem⁴.

A mensagem poética é constituída, fundamentalmente, a partir de combinações e de associações, quer de fonemas quer de palavras, mas não de um modo mecânico como acontece com a linguagem prosaica. Procuram-se associações novas susceptíveis de provocarem *surpresa*⁵. Assim, a linguagem poética surge como um desvio, uma surpresa, uma deformação, uma violência em relação à linguagem corrente⁶, e isto quer do ponto de vista fonético, quer do ponto de vista semântico: «A nossa tendência é a de ligar a toda a mutação de elementos fonológicos uma mudança de sentido.»⁷

Mas então de que modo é possível caracterizar o processo poético? Segundo Jakobson, há sempre «a aproximação de duas unidades», a qual surge como paralelismo, comparação, metamorfose, metáfora e variantes eufónicas, de onde resulta o

² *QP*, p. 14.

³ *Idem*, p. 15.

⁴ «La fonction communicative, propre à la fois au langage quotidien et au langage émotionnel, est réduite ici au minimum.» *Idem*, p. 14.

⁵ «En poésie, le rôle de l'association mécanique est réduit au minimum, alors que la dissociation des éléments verbaux acquiert un intérêt exceptionnel. Les éléments dissociés forment facilement des combinaisons nouvelles.» *Idem*, p. 20. «En générale, les mots étrangers sont très employés en poésie, car leur constitution phonique surprend, alors que leur sens reste en sourdine.» *Idem*, p. 22.

⁶ «Hors de la violence il n'est pas de poésie.» *Idem*, p. 53.

⁷ «Notre tendance est de lier à toute mutation des éléments phonologiques un changement de sens.» *Idem*, p. 49.

aparecimento da rima, da assonância, da aliteração, ou da repetição, enfim, do ritmo⁸. Contudo, a *eufonia* não repousa nos sons (realidade extralinguística), mas nos fonemas (realidade intralinguística), isto é, «nas representações acústicas capazes de se associarem com representações semânticas»⁹. Quando se afirma que o ritmo só existe na linguagem poética, mais ainda, que é aquilo que a estrutura, que a caracteriza, está-se imediatamente a «pôr em surdina» a significação e a afirmar o valor autónomo da construção eufónica¹⁰. É neste sentido que Jakobson refere que Klebnikov, um dos mais representativos poetas do futurismo russo, considerava que ao poeta só interessa o som, e que a palavra poética tende ao limite para a forma eufónica¹¹.

O pôr o acento na forma fónica é explicar a poesia apenas adentro da expressão verbal: a poesia é, fundamentalmente, palavra ritmada que encontra o seu sentido em si mesma. É por isso que a função poética põe em evidência «o lado palpável dos signos»¹², e isto porque a palavra é sentida como palavra, como coisa, e não como substituto do objecto ou como explosão do sentimento ou da emoção». A palavra constitui-se como um fim

⁸ «Le langage poétique connaît un procédé élémentaire: le rapprochement de deux unités. Les variantes sémantiques de ce procédé sont: le parallélisme, la comparaison (cas particulier du parallélisme), la métamorphose (parallélisme projeté dans le temps), la métaphore (parallélisme réduit à un point). Les variantes euphoniques de procédé de juxtaposition sont: la rime, l'assonance et l'allitération (ou répétition).» *Idem*, p. 21.

⁹ «L'euphonie ne repose pas sur des sons mais sur des phonèmes, c'est-à-dire des représentations acoustiques capables de s'associer avec des représentations sémantiques.» *Idem*, p. 21.

¹⁰ «On peut observer le même phénomène sur une série de procédés propres à la poésie de Klebnikov: c'est la mise en sourdine de la signification et la valeur autonome de la construction euphonique.» *Idem*, p. 23.

¹¹ «Le langage poétique tend, à la limite, vers le mot phonétique, plus exactement [...] euphonique.» *Idem*, p. 24.

¹² R. Jakobson, *Essais de Linguistique Générale*, Paris, Éditions de Minuit, 1963, p. 218 (sigla ELG).

em si mesma, ela não é um instrumento, ela não é um meio, e é por isso que a poesia está centrada no signo.

Portanto, numa tal concepção de poesia, a estruturação fonológica não é fortuita, nem poeticamente insignificante, pois é ela que caracteriza a poesia, e é por essa razão que é mais poesia aquele poema que mais emancipado estiver da sua ligação semântica, apresentando-se a linguagem poética centrada sobre si mesma.

Mas então, qual a estruturação da poesia? Esta reside no paralelismo, o qual mostra que cada sílaba é posta em relação de equivalência com todas as outras sílabas da mesma sequência, que todo o acento de palavra deve ser igual a todo outro acento de palavra, assim como à palavra não acentuada deve corresponder a palavra não acentuada ¹³.

Deste modo, são formadas sequências fónicas que fora da função poética não encontram aplicação na linguagem corrente ¹⁴. Estas sequências fónicas têm a sua expressão no verso, o qual é um discurso que repete total ou parcialmente a mesma figura fónica ¹⁵: o verso é, efectivamente, uma figura fónica reiterativa.

Mas esse paralelismo, no qual reside a estrutura da poesia, surge primeiramente como ritmo, metro, aliteração, assonância, rima, e a partir desta estruturação é engendrada uma recorrência ou um paralelismo correspondente nas palavras e no sentido, isto é, permite-se assim o aparecer das metáforas, das comparações, das parábolas ou dos efeitos procurados na semelhança ou na dissemelhança das coisas ¹⁶.

¹³ «La structure de la poésie est caractérisée par un parallélisme continué.» *ELG*, p. 235.

¹⁴ «La mesure des séquences est un procédé qui, en dehors de la fonction poétique, ne trouve pas d'application dans le langage. C'est seulement en poésie, par la réitération régulière d'unités équivalentes.» *Idem*, p. 221.

¹⁵ [...] le vers comme un discours répétant totalement ou partiellement la même figure phonique». *Idem*, p. 231.

¹⁶ Cf. *idem*, p. 235.

Mas a poesia enquanto «mensagem centrada sobre si mesma»¹⁷ apresenta a característica da ambiguidade¹⁸, e isto porque o referente está atenuado ao máximo, apresentando-se assim o poema como obra aberta, isto é, susceptível de diferentes recriações.

A ambiguidade surge quando a denotação é reduzida ao mínimo, isto é, quando é reduzido o poder de se referir a uma realidade fora da linguagem. Contudo, a função poética, se bem que suspenda a relação com o exterior, portanto uma referência do primeiro grau ou ontológica, a favor da acentuação da forma fónica (o ritmo), faz aparecer uma referência do segundo grau, ou metafórica, que se sobrepõe à primeira. Para Jakobson é fundamentalmente o ritmo que caracteriza a poesia, contrariamente à prosa, para a qual o ritmo é indiferente¹⁹.

Só é possível falarmos em linguagem poética, ou em poesia, por oposição à linguagem não poética, ou seja, à prosa. Portanto, se queremos caracterizar a primeira, temos de ter em conta o que é que a diferencia da segunda, isto é, qual o traço fundamental que a distingue da prosa. Esse traço distintivo, para Jakobson, é o ritmo; por outro lado, a cada uma delas corresponde uma função diferente dentro da linguagem.

No seu estudo «Linguística e Poética»²⁰, Jakobson apresenta-nos uma breve descrição dos aspectos constitutivos de todo o acto de comunicação verbal, onde são analisadas sumariamente as diferentes funções da linguagem. Assim, qualquer mensagem verbal é constituída por seis funções: *função referencial*, ou denotativa, ou cognitiva, em que há orientação para o contexto da mensagem; *função emotiva*, centrada no destinador

¹⁷ «[...] l'accent mis sur le message pour son propre compte, c'est ce qui caractérise la fonction poétique du langage». *Idem*, p. 218.

¹⁸ «L'ambiguïté est une propriété intrinsèque, inaliénable, de tout message centré sur lui-même, bref c'est un corollaire obligé de la poésie.» *Idem*, p. 238.

¹⁹ «La suprématie de la fonction poétique sur la fonction référentielle n'oblitére pas la référence (la dénotation), mais la rend ambiguë.» *Idem*, p. 238.

²⁰ Cf. *idem*, pp. 209-248.

da mensagem, função que expressa, mediante interjeições, as emoções do destinador; *função conotativa*, ou seja, a orientação para o destinatário, que encontra exemplos no imperativo; *função fática*, aquela que permite estabelecer e manter a comunicação; *função metalinguística*, quando o discurso está centrado no código; *função poética*, ou seja, aquela que está centrada sobre a mensagem²¹.

Toda a mensagem apresenta estas seis funções, contudo a diferença de hierarquia entre elas é que vai diferenciar as mensagens: a estrutura verbal de cada mensagem depende, na sua essência, da função predominante²². Nesse sentido, há poesia quando há predominância da mensagem centrada sobre si mesma, isto é, naquela em que a função poética predomina.

Porém, e ainda que a função poética seja a responsável pelo aparecer da característica poesia, esta última não se esgota naquela, assim como a primeira se aplica a outros campos que não apenas o poético: a função poética ultrapassa os limites da poesia, do mesmo modo que a análise linguística da poesia não se limita à função poética²³.

Mas então de que modo caracteriza Jakobson a função poética? Segundo este autor, «a função poética projecta o princípio de equivalência do eixo da selecção sobre o eixo da combinação»²⁴, sendo que a selecção «une termos *in absentia* numa série mnemónica virtual», enquanto a «combinação une *in praesentia* dois ou vários termos numa série efectiva»²⁵; portanto,

²¹ Cf. *idem*, p. 124, em que Jakobson apresenta o quadro das funções da linguagem.

²² «La structure verbale d'un message dépend avant tout de la fonction dominante.» *Idem*, p. 214.

²³ «Comme nous l'avons dit, l'étude linguistique de la fonction poétique doit outrepasser les limites de la poésie, et, d'autre part, l'analyse linguistique de la poésie ne peut se limiter à la fonction poétique.» *Idem*, p. 219.

²⁴ *Idem*, p. 219.

²⁵ P. Ricoeur, *La Métaphore Vive*, Paris, Éditions du Seuil, 1975, p. 273 (sigla MV).

na função poética constrói-se a sequência com base na equivalência, na semelhança, dando origem à metáfora.

Deste modo, a poesia é caracterizada como sendo, na sua essência, uma metáfora contínua, já que é o princípio da selecção que preside à caracterização da função poética. O que se procura mesmo na combinação é a melhor forma, a melhor estrutura, o que do ponto de vista da prosa não tem sentido. Assim sendo, a poesia é sempre metafórica, pois esta é um processo de substituição com base na semelhança. A metáfora, para Jakobson, está assente na aproximação de ordens afastadas a partir do princípio da semelhança, em que se apresenta uma imagem sob a expressão de uma outra, pelo nome da qual a primeira é designada mas que não figura: ela é um «paralelismo reduzido a um ponto»²⁶.

Esta definição da metáfora está em íntima relação com o seu modelo formalista da poesia, procurando explicá-la apenas a partir do ritmo, não dando importância ao factor comunicação, obliterando assim a referência. Contudo, a sua caracterização das funções da linguagem, nomeadamente da função poética, mostra que aquilo que ele faz é reduzir a referência na linguagem poética a um mínimo: acontece que, ao centrar a mensagem em si mesma, a referência, enquanto designativa, enquanto aponta para uma realidade concreta, ontológica, perde-se. Porém, esta perda vai fazer aparecer uma outra referência, de segundo grau, puramente mental e que apenas tem a capacidade de ser evocativa e não designativa. Mas então, o que se está a fazer é apresentar a referência real sob a forma de uma referência mental, de tal modo que a primeira é esquecida a favor da segunda, surgindo assim o sentido como ambíguo, e a metáfora como opaca.

No entanto, o surgir de uma referência do segundo grau mostra, precisamente, que a linguagem poética não se pode fechar em si mesma, porque a poesia é sempre comunicação, sendo a referência que assegura a comunicação, ainda que como referência do segundo grau, portanto, de um modo ambíguo.

²⁶ *QP*, p. 21.

O que Jakobson fez, ao procurar explicar a poesia como fenómeno inerente à linguagem, foi fechar a poesia no mundo dos signos, de tal modo que o poema que realiza a poesia pura, tal como ele a concebeu, é o poema fono-semântico, ou seja, aquele que se caracteriza pela aliança entre som e sentido mas enquanto este último depende intimamente do primeiro, portanto, que ignora o referir-se a uma realidade exterior à linguagem. O sentido na poesia jakobsoniana corresponde à organização interna do verso, à estrutura rítmica deste.

Mas o que Jakobson não faz, porque permanece no domínio do intralinguístico, não lhe interessando referir-se a uma realidade extralinguística, é articular sentido e referência. Se o fizesse, teria visto bem que a poesia é ambígua, não porque a referência enquanto designativa está obliterada, mas porque a referência do segundo grau ao surgir corta com uma relação termo a termo entre sentido e referência: a poesia tem o poder de dizer de muitas maneiras a mesma realidade.

Por outro lado, a concepção de poesia de Jakobson não nos mostra o mundo da obra de arte, ela é apenas compreendida como estrutura, a qual por si só, segundo este autor, dá prazer estético, na medida em que evoca. Mas então o prazer estético está apenas ligado à harmonia da forma. O prazer estético está assim ligado apenas à criação de sentidos sem denotações, e sem uma intenção de comunicação. Porém, a beleza formal está sempre ligada à evocação do conteúdo, além de que o próprio prazer estético releva de uma ordem que não o intralinguístico.

Não basta compreender a poesia unicamente como estrutura, há também que compreender o mundo que ela cria; o mundo da obra pressupõe a denotação, isto é, a referência ao objecto, e além disso a comunicação: a poesia diz sempre qualquer coisa sobre qualquer coisa ²⁷.

²⁷ Uma das críticas mais significativas à concepção da poética de Jakobson é a de Georges Mounin: «uma mensagem poética tem outras componentes: referenciais, emotivas, conotativas talvez mesmo fácticas, etc. Por outras palavras, Jakobson sabe que as estruturas poéticas só são pertinentes se têm uma função na comunicação. Mas nunca levanta a

ÍNDICE DE AUTORES

A

Abelardo, 265-267
Afonso VI, D., 84
Agostinho, Santo, 57, 76, 82, 134,
143, 158, 174, 214, 216, 220,
223, 268, 271, 273, 295-297,
300, 302, 350, 360
Almeida, Vieira de, 200
Andrade, Francisco Martins de,
98
Ângelo, Miguel, 294, 387
Anselmo, Santo, 265
António de Lisboa, Santo, 55-56,
59-60, 63-67, 69-71, 73-75, 77,
79, 81-86, 88-89, 91-93, 95,
129, 133, 225, 227, 229-231,
255-256, 259-260, 262, 278
Antunes, Manuel, 256, 257
Aristóteles, 24-25, 68, 77, 140, 143-
-144, 197, 207, 267, 294, 302
Asensio, Eugénio, 119, 127

B

Bach, 45.
Bacon, Rogério, 136.
Balduim, Godofredo, 136.
Barbosa, Arnaldo de Miranda, 256

Barreto, Luís Filipe, 113
Barth, Karl, 323, 329
Bergson, Henri, 315
Bernardo, Luís Manuel Ventura, 45
Bernardo de Claraval, São, 126,
128, 142, 265-273, 280
Bernardes, Manuel, Padre, 133
Bessa, Carlos, 261
Biran, Maine, 346
Black, Max, 24
Boaventura, São, 128, 140, 144
Boécio, 356
Botelho, Afonso, 205
Brandão, Raul, 12, 175-177, 179,
181, 183-184
Bruno, Sampaio, 204, 209
Bruyère, 145

C

Caeiro, Francisco da Gama, 11,
62-63, 65-66, 74, 78, 81, 92,
99, 139, 150, 154, 200, 205,
255, 257, 259-262
Camões, Luís Vaz de, 116
Camus, Albert, 11, 163, 175, 208,
239, 365-368, 372-378, 380-
381, 393

Carvalho, Joaquim Barradas de, 115
Carvalho, Joaquim de, 200
Casey, E., 27
Castro, Aníbal Pinto, 257
Catarina de Siena, Santa, 277, 279-281, 284-288, 290-291
Cenáculo, Manuel do, Frei, 11, 98, 131-136, 138-140, 142-145, 147-154, 255-256
Chevalier, Jacques, 267
Cicero, Marco Túlio, 115
Cirilo de Alexandria, São, 134
Coimbra, Leonardo, 11, 183, 185-188, 190-191, 195, 204, 207-209, 213, 255-256
Costa, João Bénard da, 357
Coutinho, Jorge, 184
Crippa, Adolpho, 12, 235, 238-239, 243-244, 248, 250-253
Croce, Benedetto, 25-30, 33
Cruz, João da, São, 256
Cusa, Nicolau de, 299

D

Dahan, Gilbert, 103
Dante Alighieri, 28, 386-387, 389
Davignon, René, 325
Demóstenes, 115
Descartes, René, 147, 150, 151
Deus, João de, 162
Dias, José Coelho, 99
Diniz, D., 97
Dionísio Areopagita, 127-128, 299
Dionísio, José Augusto Sant'Anna, 207
Duarte, D., 255

E

Eliade, Mircea, 236, 240, 244, 246-247, 253

Escoto, Tomás, 121, 130
Espinosa, Baruch, 346-347
Estrabão, 115

F

Faydit, Padre, 143
Ferreira, Alcino, 46
Fichte, J. G., 162
Fiora, Gioacchino di, 121
Fleury, 133
Francisco de Assis, São, 60, 77, 79, 91, 128, 233, 343
Freunde, Julien, 164, 209
Frobenius, 199

G

Gadamer, 39
Gaddi, 136
Galilei, Galileo, 148, 150
Ganho, Maria de Lourdes Sirgado, 11-12, 45, 293
Garin, Eugénio, 113, 294, 301
Gassendi, 150
Gilson, Etienne, 267, 271-273
Gobinet, 144
Goethe, 343
Góis, Damião de, 107

H

Haeckel, 166-167
Hartmann, Eduardo de, 167
Hartmann, Nicolai, 200, 208
Hegel, 167-169, 327
Heidegger, Martin, 35, 38-40, 175, 200, 207, 358, 387-388
Henrique, Cardeal D., 119
Henrique, Infante D., 116
Hermes Trimegisto, 300-301
Herp, Henrique, 127-128
Hispano, Pedro, 256

Holanda, Francisco de, 387
Holderlin, 25, 33-34
Holenstein, E., 36
Homero, 115
Husserl, Edmund, 199, 208, 210

I

Isidoro de Sevilha, Santo, 77

J

Jacomuzzi, A., 31
Jakobson, Roman, 15-18, 20-25,
29, 32-34, 36, 39, 158
Jaspers, Karl, 208, 333, 339
João de Alcobaça, Frei, 97
João I, D., 84
João II, D., 107, 109, 115, 116
Junqueiro, Guerra, 179

K

Kant Immanuel, 109, 168, 323-324,
328-329
Kepler, 148
Klebnikov, 17
Kierkegaard, Soren, 158, 164, 322
Kristeller, Oskar, 113, 294

L

Lavelle, Louis, 332
Leão, Gaspar, D., 119-121, 124,
126-129
Leclercq, Jean, 275
Leibniz, 167-168, 323, 329
Leopardi, 393
Lira, Nicolau de, 121
Locke, J. P., 150
Loia, Luís, 293
Lombardo, Pedro, 144
Lopes, António, 85

Lourenço de Medici, *o Magnífico*,
294
Loyola, Inácio de, 81
Luís de São Francisco, Frei, 136
Lulío, Raimundo, 136, 256

M

Macedo, Jorge Borges de, 257
Malebranche, 158
Manuel I, D., 107, 115-116
Marcadé, Jacques, 131
Marcel, Gabriel, 11, 36-37, 72, 74,
207-208, 303-309, 312, 314-
-317, 319, 321-337, 356-357,
359
Marinho, José, 12, 159, 165, 200-
-201, 205, 207, 209, 213-214,
216-223
Marcilio, Ficino, 294-295, 300-302
Martinho de Dume, São, 45, 48-
-53, 225-227, 230
Martins, Mário, 51, 98-99
Martins, Oliveira, 219
Mela, Pompónio, 112
Mirandola, Giovanni Pico della,
293-294, 296-297, 300-302
Moncada, Luís Cabral de, 152-153
Montale, Eugenio, 11, 29-33, 35,
385-387, 389, 391-393
Mounier, Emmanuel, 11, 272, 355-
-357, 360-363
Mounin, Georges, 22-23, 25, 35
Mozart, 203

N

Nabert, Jean, 11, 339-340, 342-346,
348-349, 352-353
Nascimbene, Giulio, 385
Newton, 131, 150
Nietzsche, F., 203, 393

O

Oliveira, Maria de Lurdes Flor de, 211
 Orelli, G., 30-31

P

Pacheco, Maria Cândida Monteiro, 76
 Parain-Vial, Jeanne, 327, 336
 Pascal, Étienne, 158
 Pascal, Jacqueline, 343
 Pascoaes, Teixeira, 256
 Paulo, São, 299, 360
 Pellegrini, Angelo, 294
 Pereira, Duarte Pacheco, 107-108, 110, 112-114, 117
 Pereira, Gabriel, 98
 Piaget, 199
 Pires, António M. B. Machado, 175
 Pitágoras, 300
 Platão, 68, 146, 197, 203, 205, 207, 222-223, 272, 294-296, 300, 302
 Plínio, 112
 Plotino, 300
 Poliziano, Angelo, 294
 Pombal, Marquês de, 153, 256
 Ptolomeu, 112

Q

Quadros, António, 199, 205
 Quental, Antero de, 12, 157-166, 168-174, 209, 256

R

Racine, 203
 Reis, Batalha, 160
 Rema, Henrique Pinto, Frei, 70, 93

Renaud, Michel, 221, 340
 Ribeiro, Álvaro, 205, 207
 Rochefoucauld, 145
 Ricoeur, Paul, 20, 24-25, 35, 37-38, 40, 74, 197, 322-324, 333-334, 339, 387
 Rodrigues, Ana Maria Moog, 160
 Rogers, Karl, 210

S

Saint-Exupéry, Antoine de, 64
 Santos, Delfim Pinto dos, 11, 197, 198, 199, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 211
 Santos, Leonel Ribeiro dos, 162
 São Vítor, Hugo, 127, 128
 São Vítor, Ricardo, 127
 Sartre, Jean-Paul, 175, 208, 358, 382
 Scheler, Max, 251
 Schelling, 168
 Schlick, 198
 Sérgio, António, 161
 Serrão, Joaquim Veríssimo, 257
 Serrão, Joel, 199
 Silva, Agostinho da, 12, 207, 225-226, 230-232
 Silva, Lúcio Craveiro da, 173
 Silva, Vicente Ferreira da, 238, 240, 249-251
 Snyders, Georges, 155
 Sócrates, 168, 223, 335, 343
 Sófocles, 203
 Steuco da Gubbio, Agostino, 301-302
 Storck, Wilhelm, 162

T

Taminiaux, Jacques, 25
 Tarroso, Domingos, 209

Teixeira, António Braz, 13, 184,
205, 207, 217
Thomas, Lothar, 259
Tilliette, Xavier, 335
Todorov, 31
Tomás de Aquino, São, 110, 140,
144, 233, 323
Toscano, Sebastião, Frei, 225, 227,
229-230
Troisfontaines, Roger, 308, 313

U

Ungaretti, Giuseppe, 15, 40

V

Vasoli, Cesare, 113
Vergílio, 115
Verney, Luís António, 149-154,
256
Vicente, Gil, 124, 130
Vico, Gian Battista, 27
Vieira, António, Padre, 81-89, 93

X

Xavier, Francisco, São, 81

Z

Zampa, Giorgio, 392
Zoroastro, 301

ÍNDICE

<i>Prefácio</i> por ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA	11
INTRODUÇÃO — Discurso poético e discurso filosófico	15

I

A lei natural da razão em São Martinho de Dume	45
Ter e ser em Santo António de Lisboa	55
Homem e natureza em Santo António de Lisboa	67
Santo António de Lisboa nos <i>Sermões</i> do Padre António Vieira	81
A espiritualidade de Santo António de Lisboa na piedade popular	91
Uma obra de teologia <i>Adversus Judaeos</i> de um anónimo português de meados do século XIV	97
O conceito de natureza no <i>Esmeraldo de Situ Orbis</i> de Duarte Pacheco Pereira	107
A obra <i>Desengano de Perdidos</i> de D. Gaspar de Leão	119
O pedagogismo reformista de Frei Manuel do Cenáculo	131
A inquietação existencial e metafísica em Antero de Quental....	157
Existência e ser em Raul Brandão	175
O sentimento de presença em <i>A Alegria, a Dor e a Graça</i> de Leonardo Coimbra	185
Da actualidade da obra e do pensamento de Delfim Santos	197
A noção de antropologia situada em José Marinho	213
Ação e contemplação em Agostinho da Silva	225
Mito e cultura em Adolpho Crippa	235
Francisco da Gama Caeiro: um testemunho	255

II

Antropologia e mística em Bernardo de Claraval	265
A espiritualidade de Santa Catarina de Siena	277
A imagem do homem «camaleão» no <i>Discurso sobre a Dignidade do Homem</i> de Giovanni Pico della Mirandola	293
As figuras do eu e do tu na filosofia de Gabriel Marcel	303
Mal e intersubjectividade em Gabriel Marcel	321
Consciência e intersubjectividade em Jean Nabert	339
A problemática da liberdade em Jean Nabert	345
Emmanuel Mounier: o personalismo como projecto para a perfeição	355
D. Juan ou a vivência do absurdo na interpretação de Camus	365
Metáforas da existência na poesia de Eugenio Montale	385

*

Proveniência dos textos	395
Índice de autores	399

Acabou de imprimir-se
em Julho de dois mil e nove.

Edição n.º 1016504

www.incm.pt
comercial@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br